

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM CONVITE AO DIÁLOGO

Natália Lampert Batista^{*}
Roberto Cassol^{**}
Elsbeth Léia Spode Becker^{***}

Resumo: A formação/educação cidadã perpassa pela emergente problemática ambiental, pautada em modelo de desenvolvimento vigente, caracterizado como predatório e altamente destruidor. A Educação Ambiental está fortemente atrelada à Geografia, conferindo-lhe uma carga imensa de responsabilidade ambiental. Por isso, o objetivo geral deste trabalho é tecer uma discussão teórica acerca da Educação Ambiental. Com relação à metodologia, a presente pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa e, do ponto de vista de seus objetivos, pode ser considerada descritiva. Acredita-se que a Educação Ambiental pode contribuir significativamente para a transformação do contexto vigente, para a *desacomodação* frente à “cultura” do consumismo e debater sobre outra ética na relação homem/natureza.

Palavras-chave: Crise Ambiental. Conceitos de Educação Ambiental. Relação homem/natureza.

1 Educação ambiental: um início de conversa

Os saberes ambientais requerem o diálogo sistemático com todas as ciências, imprescindíveis na compreensão das consequências ecológicas das ações humanas. Diante da crise profunda e eminente, as fronteiras do conhecimento disciplinar estão esvaziadas do saber e dos sujeitos que saibam lidar com a visão sistêmica e a interpretação complexa dos fatos da natureza e da sociedade.

Vive-se o crepúsculo de uma existência cartesiana e racional e procura-se a abertura para o alvorecer de um novo pensamento e uma nova humanidade. Busca-se um novo conhecimento que carrega consigo o saber e a abertura ao saber do outro. A fronteira dos

^{*} Licenciada em Geografia pelo Centro Universitário Franciscano, Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: natilbatista3@gmail.com

^{**} Orientador. Professor doutor do departamento de Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rtocassol@gmail.com

^{***} Co-orientadora. Professora doutora do curso de Geografia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

saberes surge, então, como um desafio a enfrentar. Por isso, o objetivo geral deste trabalho é tecer uma discussão teórica acerca da Educação Ambiental.

2 Dialogando sobre educação ambiental

A crise ambiental é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o crescimento do mundo. Essa crise apresenta-se a nós como um limite real, que resignifica e reorienta o curso da história. (...) Mas também crise do pensamento ocidental: da “determinação metafísica” que, ao pensar o ser como ente, abriu caminho para a racionalidade científica como uma ordem coisificada e fragmentada (...). Por isso a crise ambiental é acima de tudo um problema de conhecimento, o que nos leva a repensar o ser do mundo complexo (LEFF, 2001, p.191).

A crise ambiental não é uma crise natural. É uma crise profunda e provocada. A fragmentação do pensamento conduziu a “fragmentação da realidade”, fazendo o ser humano perder a capacidade de compreender Planeta como algo em transformação e com um equilíbrio extremamente frágil. Assim, o crescimento econômico e tecnológico, que passaram a ser o centro das preocupações, hoje, colocam em risco a existência humana.

Conforme o sociólogo britânico Anthony Giddens (1991, p.13) “o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno”. Contudo, o autor aponta que esse processo também possui um lado sombrio, que tem se tornado muito aparente.

A sociedade atual se encontra embasada em um modelo de desenvolvimento altamente atrelado ao racionalismo e ao produtivismo, fruto do sistema dominante que tem como objetivo principal a acumulação capitalista e o consumismo desenfreado para potencializar o lucro. Logo, frente ao pensamento imperante, pautado na fragmentação, a preocupação com o ambiente acaba se tornando secundária ou restrita a grupos “isolados”.

Nesta perspectiva, o racionalismo científico (e econômico) permitiu a fragmentação dos saberes, especializando-os e reduzindo a capacidade de compreensão do todo, das inter-relações e da organização do espaço. Também se instaurou a divisão corpo e alma, sociedade e natureza, razão e emoção, o que levou o homem a uma visão de superioridade sobre os demais seres e, conseqüentemente, à introdução da degradação ambiental e da injustiça social, pois o *indivíduo* passa a ser o elemento mais importante do contexto em que está inserido, perdendo a noção sistêmica e esquecendo o cuidado com o ambiente.

Para Maturana (1998) é o triunfo de uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização da razão, apenas pelo desejo de distinguir os humanos dos

outros animais. Entretanto, como os demais mamíferos, os humanos são animais que vivem na emoção, a qual não restringe a razão, mas relaciona-se com as dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação. “Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de certo tipo por uma emoção que a torna possível” (MATURANA, 1998, p.89).

Dessa maneira, o aprofundamento do saber se dá verticalmente, o que acaba comprometendo a visão do todo, bem como intensificando a crise ambiental, que não significa apenas o surgimento de problemas, mas a exigência de novas formas de ver e intervir no mundo. De acordo com Moraes (2013, p. 26) “o conhecimento científico é expresso pela soma das partes, sem articular a relação entre a parte e o todo e, ao mesmo tempo, sem evidenciar, com base em uma análise sistematizada, a relação entre a sociedade e a natureza”. O conhecimento passa a ser meramente informação devido à fluidez e ausência de reflexão.

O contexto de descuido vigente está fortemente atrelado à veneração ao dinheiro e à acumulação de riquezas associada à expansão do capitalismo, principalmente após o fim da Guerra Fria, e ao processo de internacionalização do capital e das mazelas sociais. Banalizaram-se as relações e a própria vida e o *ter* passou a se sobrepor ao *o ser*.

O atual contexto, então, é marcado por profundas crises (sócio)ambientais¹. O homem distanciou-se da natureza e do próprio homem (que é parte da natureza), passando a comprometer o equilíbrio dos ecossistemas e da sua própria vida. O dinheiro e o poder passam a ser considerados prioritários, perdendo-se a noção sistêmica e desvalorizando-se a ética.

De acordo com Santos (2008), a partir do momento em que o ser humano deixou de ser o centro do mundo, assumindo o seu lugar “o dinheiro em seu estado puro”, abriu-se a possibilidade para todos os tipos de barbáries. Assim, é necessário que se priorize o debate sobre a civilização, deixando de lado o crescimento econômico, pois este não tem gerado a dignidade humana.

Novo (2007) aponta que a crise ambiental é, na verdade, uma crise de pensamento, onde os ideais da modernidade, aplicados ao sistema dominante, comprometem a visão holística do ambiente, fragmentam a realidade e conduzem a um processo de contínua exploração e

¹ Neste texto, optou-se por utilizar o termo ambiental, pois se considera que ele contém o social e, portanto, ao abordar o tema como socioambiental estar-se-ia considerando (contínua) o humano duas vezes. Além disso, a separação sócio-ambiental nos parece ampliar a fragmentação homem-meio fato que é justamente contestado no viés de Educação ambiental que optamos por adotar e que será explicitado posteriormente.

destruição da vida, validando a “ética do vale tudo” em “nome da ciência” e/ou da “vontade da maioria”.

De mesmo modo Giddens (1991, p.15) menciona que:

O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A perda da crença no "progresso", é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de "narrativas" da história. Há, aqui, entretanto, muito mais em jogo do que a conclusão de que a história "vai a lugar nenhum". Temos que desenvolver uma análise institucional do caráter de dois gumes da modernidade.

Isto é, a modernidade apresentou elementos transformadores e que contribuíram com a qualidade de vida, mas o preço pago para isso está cada vez mais alto, comprometendo a sustentabilidade da vida.

Esse discurso de adoração aos produtos e modos de vida da modernidade adquire força ao longo das últimas três décadas do século XX com o “*American way of life*”², e continua nas décadas precursoras do século XXI. Contudo, percebem-se iniciativas diferenciadas que surgem no anseio de contestar a fragmentação e a supervalorização do consumo. As inserções dessas abordagens ditas transdisciplinares caminham em um sentido contrário à trajetória percorrida pelas especificidades disciplinares e pelas futilidades consumistas do mundo moderno.

Neste contexto, a Educação Ambiental que surge com a possibilidade de um novo olhar sobre o mundo e, conseqüentemente, como uma poderosa arma contra os desmandos do sistema e à crise ambiental na busca de uma “outra ética”. Ética que, segundo Santos (2008), seja capaz de conceder ao ser humano sua dignidade e reconhecer sua importância, tornando o elemento econômico algo secundário. Esse novo olhar deve permear as análises geográficas permitindo uma compreensão integrada e abrangente das questões ambientais.

O conteúdo do livro “Por uma outra globalização do pensamento: do pensamento único à consciência universal”, de Milton Santos, está profundamente relacionado com a educação e para com a responsabilidade dos educadores. Segundo Santos (2008), é impossível construir uma nova sociedade, uma globalização solidária, sem reestruturar a educação, a escola, o pensamento dominante, a democracia e a ética.

Para Santos (2008), assim como para Reigota (2012), houve um esvaziamento da palavra democracia e da palavra ética, sendo elas utilizadas, convenientemente, de forma

² [Nota do tradutor] Jeito de viver americano.

banal. Delas restou apenas sua face eleitoral, já que a responsabilidade e a representatividade perderam forças, e não há mais por parte dos representantes uma coerência entre as ideias que professam e suas ações.

Com o esfacelamento da democracia, em especial nas últimas duas décadas, as lutas sociais vêm sendo esvaziadas em seus objetivos e a Educação Ambiental deturpada por correntes acríticas que apontam o ambiente meramente como natureza e em uma doutrinação mecânica dos alunos como, por exemplo, com inúmeros projetos de reciclagem que, na verdade contribuem mais com o desenvolvimento motor dos alunos, pois em momento algum fazem pensar ou refletir sobre as questões ambientais.

Diante das conjunturas e do esgotamento social e ambiental, surge uma necessidade de luta por outra globalização, tendo em vista que a globalização atual é contraditória e paradoxal, pois defende a liberdade ao mesmo tempo em que aprisiona as pessoas com suas amarras, comprometendo o exercício da cidadania. Neste sentido, Santos (2008, p. 17) aponta que: “a globalização produz o globalitarismo, globalitarismo que existe para reproduzir a globalização”, sendo esse um círculo vicioso que deve ser quebrado. O desafio, então, centra-se em se aproveitar as possibilidades desse tempo e produzir formas democráticas e éticas em seu sentido pleno.

Pensar a Educação Ambiental requer necessariamente uma análise crítica e ética da globalização e suas influências sobre educação, leva a descortinar o olhar para a realidade e para a responsabilidade dos educadores.

A “revolução ética” voltada para a outra globalização, defendida por Santos (2008), tem como um de seus palcos principais o espaço escolar, admitido como cerne da produção do pensamento e do conhecimento. Por esta razão, salienta-se, também, o depoimento de Florestan Fernandes (1994 *apud* TENDLER, 2006): “Feita à revolução nas escolas, o povo a fará nas ruas”.

Contudo, é preciso deixar claro que a discussão ambiental não é ideologicamente neutra, nem alheia a interesses socioeconômicos. Segundo Leff (2001, p.62), seu nascimento se dá num processo histórico “dominado pela expansão do modo de produção capitalista, pelos padrões de maximizar os lucros gerados e os excedentes do modo de produção capitalista (...) numa ordem econômica mundial marcada pela desigualdade entre as nações e as classes sociais”.

Giddens (1991, p.142) também aponta que:

A área de luta dos movimentos ecológicos — em cuja categoria os movimentos de contracultura também podem ser incluídos — é o meio ambiente criado. Formas antecedentes dos atuais movimentos "verdes" também podem ser localizadas no século XIX. Os primeiros destes tendiam a ser fortemente influenciados pelo romantismo e procuravam basicamente responder ao impacto da indústria moderna sobre os modos tradicionais de produção e sobre a paisagem. Na medida em que o industrialismo não era imediatamente distinguível do capitalismo, particularmente em termos dos efeitos destrutivos de ambos sobre os modos tradicionais de vida, esses grupos com bastante frequência tendiam a se alinhar com os movimentos operários. A separação atual entre os dois reflete o aumento da consciência dos riscos de alta-consequência que o desenvolvimento industrial, organizado ou não sob os auspícios do capitalismo, traz em sua esteira. As preocupações ecológicas, entretanto, não derivam apenas dos riscos de alta-consequência e enfocam também outros aspectos do meio ambiente criado.

Então, em âmbito mundial, nas décadas de 1970-1980, passou-se a pensar as questões ambientais, percebendo as consequências do modelo econômico adotado. Na América Latina, esse processo apresenta características muito próprias a esta região. De acordo com Leff (2001, p.62), “as visões ecologistas e as soluções dos países do Norte resultam inadequadas e insuficientes para compreender e resolver a problemática ambiental nos países do Sul”.

Por isso, é necessário entender que a Educação Ambiental brasileira e, devido à extensão territorial do país, a Educação Ambiental local é diferente daquela dos países Desenvolvidos (ou anteriormente chamados do Norte), porque os problemas, os desafios e as potencialidades são diferentes. Conforme com Moraes (1997, p.42), “No Brasil e na América Latina a questão ambiental está de início imbricada com a questão democrática. Não se tratam de dois problemas, mas de um só desafio”.

A Educação Ambiental brasileira nasce de reivindicações políticas, principalmente no final do período ditatorial, entre as décadas de 1980 e 1990. Logo, ela é marcada por um caráter profundamente social, engajado, democrático e pautado na construção de uma sociedade justa e sustentável. Diferentemente dos países ditos do Norte, que priorizam o que pode ser entendido como gestão ambiental³, ela está embasada em um pensamento que vê as questões sociais (e naturais) como questões ambientais, em um movimento contínuo de (re)formulações.

Esse processo de entendimento da percepção ambiental brasileira, segundo Reigota (2012), pode iniciar questionando quais os acontecimentos e os riscos (pedagógicos e políticos) assumidos por sujeitos e coletivos, em distintos espaços de intervenção, que colaboraram com a Educação Ambiental.

³Soluções técnicas a problemas ambientais pontuais.

O surgimento articulado entre esses movimentos os fortaleceu sob o enfoque da qualidade de vida, mas a percepção de que o modelo atual de inserção dos indivíduos, no contexto capitalista, não gera a desejada “qualidade”, ocorre um divórcio entre os movimentos sociais e ambientais, como já apontado na abordagem de Giddens (1991), enfraquecendo suas reivindicações e colocando-os, em alguns casos como rivais.

Segundo Leff (2001, p.37), “as transformações sociais, as inovações científico-tecnológicas e a construção da racionalidade ambiental permitiram mudar os efeitos do processo produtivo sobre a oferta natural dos recursos, o equilíbrio ecológico, o crescimento demográfico e a poluição ambiental”. Em um contexto de *desumanização* e de exploração do homem pelo próprio homem, cada vez mais acentuada, a preocupação ambiental passa a ser ignorada ou deturpada, isto é, apresenta-se o ambiente puramente como natureza, quando, na realidade, não é.

Novo (2007, p. 20) aponta que “*algunos autores critican duramente este processo de aceptación de la religion del progreso (que por cierto, continúa en nuestros días). Una religion que, em vez de teologia, tiene tecnologia*”⁴ como elemento principal. Essa veneração à tecnologia e ao crescimento econômico desmedido tem comprometido a vida na Terra.

“No aspecto cultural a sociedade do consumo, (...) vem sendo criticada pelo processo de massificação cultural. É um processo hegemonizado por uma deificação (endeusamento) de uma cultura dita moderna, que tem sua gênese situada nos países do norte” (GUIMARÃES, 2003, p.85). Isso acarreta em um empobrecimento cultural e em degradação ambiental, especialmente, nos países subdesenvolvidos.

No contexto escolar, isso ocorre, ao abordar os problemas e realidades desconhecidas dos alunos como exemplos ambientais na tentativa de sensibilizá-los. As definições fragmentadoras da Educação Ambiental, pautadas na relação *indivíduo-natureza* e desvinculadas do caráter social, compartmentam algo que é complexo, deturpando os debates e retirando o foco de sua essência.

Isso é abordado por Guimarães (2003, p.83) ao mencionar que:

A ausência de crítica a um discurso e uma racionalidade fragmentária que desagrega e rompe laços, traduzida por uma visão de mundo cientificista, antropocentrista, individualista, consumista, entre outros, podem vir a comprometer o exercício pleno da cidadania de educadores e educandos, característica essa que funda e da fundamentação a Educação Ambiental.

⁴[Nota do tradutor] “Alguns autores criticam fortemente essa aceitação da religião do Progresso (que, aliás, continua nos dias de hoje). Uma religião que, em vez de teologia, tem a tecnologia”.

Assim, ao pensar a Educação Ambiental, é preciso “caminhar em direção a uma concepção em que o ambiente possa ser concebido a partir do entorno físico e social, nos auxiliando a compreender que a fome, a miséria ou os problemas de saúde são também problemas ambientais” (MORAES, 2013, p. 29). Logo, pensar o ambiente difere de pensar a natureza; pensar o ambiente é pensar a vida e as transformações que ocorrem na *segunda natureza*⁵, ou no ambiente criado.

No contexto apresentado, a Educação Ambiental apresenta-se cheia de ambiguidades e se torna difícil estabelecer com um conceito único. Possui inúmeras correntes com diferentes enfoque privilegiados e com estratégias e modelos diversos, como apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Tendências da Educação Ambiental

CORRENTE	ENFOQUES PRIVILEGIADOS	ESTRATÉGIAS E MODELOS
Naturalista	- Relação com a natureza. - Enfoque educativo: cognitivo, experiencial, afetivo, espiritual ou artístico.	- Steven Van Matre (1900): experiência - Michael Cohen (1910): sensorialista e espiritualista - Darlene Clover e colaboradores (2000): educação ao ar livre
Conservacionista/Recurcista	- Conservação dos recursos - Relação natureza-recurso - Gestão Ambiental - Ecocivismo: comportamento individuais e coletivos - Equidade ambiental	- Estratégia dos três “Rs”. - Ecoconsumo.
Resolutiva	- Ambiente considerado como um conjunto de problemas - Surge na década de 1970, quando se revelam os graves problemas ambientais	- Programa Internacional de Educação Ambiental (UNESCO, 1975 – 1995): Mudança de Comportamento e ação coletiva. - Harold R. Hungerford e colaboradores (1992): modelo sequencial de desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas.
<u>Sistêmica</u>	- Sistema Ambiental: relações entre meio biofísico e social em uma situação ambiental. - Conhecer e compreender a realidade ambiental. - Compreensão da dinâmica, rupturas e evolução. - Perspectiva cognitiva. - Tomada de decisão. - Habilidades ligadas à análise e a síntese.	Shoshana Keiny e Moshe Shashack (1987) – saída de campo.

⁵Sobre as questões ambientais, Moraes (2013, p. 21) também ressalta que “(...) devem ser entendidas, primeiramente, com base nas relações sociais, aquelas que se estabelecem entre os seres humanos, para depois serem estendidas as relações técnicas, ou seja, aquelas que os seres humanos desenvolvem com outros seres vivos ou abióticos”.

	- Apoia-se na ecologia e na Ciência Biológica transdisciplinar (1970)	
Científica	- O ambiente é objeto de conhecimento para escolha de uma solução ou ação apropriada. - Observação e verificação das hipóteses. - Conhecer para orientar a ação. - Ensino das Ciências da Natureza.	- Louis Goffin e colaboradores (1985): exploração do meio, observação dos fenômenos, criação e verificação de hipóteses e concepção de um projeto para resolver o problema ou melhorar a situação.
<u>Humanista</u>	- Ambiente como meio da vida, com suas dimensões históricas, culturais, políticas, econômicas, estéticas, etc. O ambiente é também o da cidade, da praça pública, dos jardins cultivados, etc. - Ênfase na dimensão humana, para o valor simbólico, patrimônio. - Paisagem. - Enfoque cognitivo: observação, análise, síntese. - Sensorial, sensibilidade e criatividade. - A primeira etapa é construir a representação coletiva a mais rica possível do meio estudado (mapas mentais).	- Bernard Dehan e Josette Oberlinkels (1984): explorar o meio ambiente e o meio da vida e construir um modelo, uma representação deste último: exploração do meio da vida, leitura da paisagem, observações livres e dirigidas que recorrem ao cognitivo, sensorial e afetivo; criação de um projeto de pesquisa que busque compreender melhor a realidade de pesquisa; pesquisa de campo e documental e saber grupal; comunicação dos resultados; avaliação; e criação de novos projetos.
Moral/ética	- Conjunto de valores, mais ou menos conscientes entre eles. - Desenvolvimento de valores ambientais. - Moral ambiental. - Antropocentrismo, Biocentrismo, Sociocentrismo, Ecocentrismo, etc.	- Louis Lozzi (1987): constatação de situações morais que levam a fazer escolhas e justificá-las. - Desenvolvimento de dilemas morais.
Holística	- O enfoque exclusivamente analítico e racional é a raiz dos problemas atuais. - Ser-no-mundo e holismo.	- Ecopedagogia. - Cosmo visão. - Nigel Hoffmann (1994): enfoque orgânico das realidades ambientais, isto é, partir do exterior para explicá-las, desejo de preservar, harmonia.
<u>Biorregionalista</u>	- Movimento de retorno a terra, após a desilusão com a industrialização e com a urbanização. - Ética Ecocêntrica e relação preferencialmente com o meio local ou regional, no desenvolvimento de um sentimento de pertença e valorização do meio. - Visão sistêmica.	- Peter Berg e Raymond Dasand (1976): biorregião como espaço geográfico definido por características naturais e políticas, sentimento de identidade entre comunidades humanas. - Elsa Talero e Gloria Humana Gauthier (1993): programa de formação de professores em Bogotá, Colômbia. Escola como centro de desenvolvimento social e ambiental.
Prática	- Aprendizagem <i>na</i> ação, <i>pela</i> ação e <i>para</i> melhorar a ação. - É uma pesquisa-ação, com dinâmica participativa. - Perspectiva socioambiental e educacional.	- William Stapp e colaboradores (1988): a pesquisa-ação para a resolução de problemas comunitários. - Mudanças socioambientais associadas a mudanças educacionais.
Crítica Social	- Teoria Crítica: ciências sociais. - Análise de intenções, de posições, de argumentos, de valores explícitos e implícitos, de decisões e de ações dos	- Chaia Helles (2003): ecologia social: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. Associa-se também a corrente feminista.

	diferentes protagonistas de uma situação.	- Alberto Alzate Patiño (1994): integra a corrente crítica a biorregionalista. Pedagogia de projetos: confrontar saberes. Problemas de saber, de ação e de saber-ação. Os projetos são apresentados as autoridades municipais e as escolas.
Feminista	- Análise e denuncia das relações de poder dentro dos grupos sociais. - Relações nos campos político e econômico, com ênfase nas relações de poder dos homens sobre as mulheres e da natureza. - Enfoque intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual e artístico das realidades ambientais. - Cuidar do outro humano e o outro como humano, como uma ação permanente e afetiva.	- Annette Greenall Gough (1998): crítica feminista ao movimento de Educação Ambiental. - Darlene Clover e colaboradores (2000): enfoques naturalista, andragógico, etnográfico e crítico (educação popular).
Etnográfica	- Ênfase ao caráter cultural.	- Thierry Pardo (2001): explorar os contornos, as características e as possibilidades de uma certa etnopedagogia: exploração da língua (toponímia) ou análise de palavras em diferentes línguas, contos, lendas, canções, imersão solitária na paisagem, gesto que será modelo ou exemplo. - Michel J. Caduto e Joseph Bruchac (1988): “Os Guardiões da Terra” (contos ameríndios).
Da ecoeducação	- O ambiente é uma esfera de interação essencial para a ecoformação (socialização, personalização e ecologização) e ecoontogênese (inspiração psicológica). - Perceptiva educacional. - Não visa resolver problemas, mas sim aproveitar a relação com o meio.	- Gaston Pineau (2000): ecoformação. - Tom Berryman (2002): ecoontogênese.
Da sustentabilidade	- Desenvolvimento humano como essência a conservação. - Aprender a utilizar racionalmente os recursos de hoje para que haja suficientemente para todos e possa assegurar as necessidades de amanhã. - Educação Ambiental como ferramenta do desenvolvimento sustentável. - Reformulação: sustentabilidade (visão enriquecida do desenvolvimento sustentável).	- Agenda 21, Cúpula da Terra: desenvolvimento sustentável (1992). - Edgar Gonzáles-Gaudiano (1996): visão integrada de preocupações econômicas, sociais e ambientais numa perceptiva de sustentabilidade.

Fonte: SAUVÉ, L., 2008.

Org.: Batista, N.L. 2015.

Com base nas Correntes de Educação Ambiental, percebe-se que elas transitam entre aspectos técnicos (articulando elementos de diversas ciências), românticos (pautados apenas

em uma *preservação*⁶-*conservação*⁷-contemplação) e naturalistas (que não consideram a ação social em sua abordagem), bem como apresentam visões bastante distintas de acordo com o enfoque privilegiado e os modelos adotados.

A Geografia precisa discutir essa temática de forma abrangente e contextualizada, fugindo da simplificação exacerbada e interpretando os objetos e os atores que influenciam as diversas espacialidades e os diferentes tempos, tendo em vista a necessidade dos alunos compreenderem que eles são e fazem parte do ambiente como qualquer outro ser (não) vivo, isto é, como uma árvore ou como uma rocha.

Sociedade é ambiente. Natureza é ambiente. Logo, sociedade e natureza são elementos constitutivos de algo maior: o ambiente. A Educação Ambiental não deve ser interpretada como a atuação do homem sobre a natureza de modo direto e inconsequente, pois o homem, na grande maioria das vezes, não atua sobre o meio de forma direta. Sua relação é mediada. É uma atuação social. Então, não se pode debater acerca da questão ambiental sob uma ótica meramente naturalista ou romântica, isto é, pautada na destruição causada por atos isolados do indivíduo sobre o meio.

Deve-se pensar Educação Ambiental como algo mais abrangente. Como a compreensão da atuação da sociedade sobre o homem (e vice-versa) em interação com o meio “natural”, constituindo um ambiente que não possui praticamente nada de natural. O espaço apresenta-se altamente alterado e a concepção de que o pensar ambiental deve vir ao encontro à convivência pacífica com a natureza se desmistifica no momento em que se percebe a constituição, cada vez mais abrangente, da segunda natureza.

O grande desafio reside em uma “ruptura drástica com todas as representações da questão ambiental herdeiras do *reducionismo economicista* e da *tecnociência burocratizada*” (LEFF, 2001, p.12), pois existe embate entre os processos de conservação e degradação da vida, no qual a soberania desta ou daquela situação resulta uma qualidade de vida característica.

⁶Refere-se à ideia de não alterar a natureza.

⁷Está vinculada à ideia de utilizar os recursos naturais com responsabilidade, pensando na sustentabilidade do meio.

3 Finalizando temporariamente o diálogo

Certamente, não há receitas para a uma efetiva prática pedagógica para a Educação Ambiental, mas sem a articulação sociedade-natureza, ela não poderá cumprir seu papel e, menos ainda, desenvolver a noção de pertencimento e a sensibilização nos diversos contextos e, por conseguinte, não desenvolverá a noção de cuidado com o ambiente.

No contexto da Geografia Escolar, acaba contribuindo para o entendimento do espaço de maneira que possibilita a leitura e a compreensão das verdades temporárias sobre o “mundo” de modo articulado, inter-relacional e sistêmico. Desse modo, acredita-se que a Educação Ambiental, crítica e bem articulada com a realidade local, tem grande importância no atual contexto escolar, permitindo um pensar mais reflexivo e despertando o sentimento de pertencimento e a identidade dos educandos.

Referências

- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão da terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRITISH BROADCASTING CORPORATION – BBC. **Planeta Terra**, o mundo como você nunca viu. Documentário. 150 min. Londres: Logan. 2013.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GUIDUGLI, O. S. Geografia no século XXI, uma ciência para a cidadania. In: GONÇALVES, R. de A.; VIERO, L. M. D.; MEDEIROS, E. W.; SILVEIRA, M. J. M. da. **Educação e sociedade: perspectivas educacionais no século XXI**. Santa Maria, RS: UNIFRA, 2006.
- GUIMARÃES, M. Sustentabilidade e educação ambiental. In: CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T. **A Questão Ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MORAES, A. C. R. **Meio ambiente e ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MORAES, E. M. B. de. As temáticas físico-naturais no ensino de geografia. In: CAVALCANTI, L. de S. **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

NAREDO, J. M.. **Raíces económicas del deterioro ecológico y social**. 2. ed. Madrid: España editores, 2010.

NOVO, M. **El Desarrollo Sostenible. Su dimensión ambiental y educativa**. Madrid: MCGraw Hill, 2007.

REIGOTA, M. A. dos S.. **Educação ambiental**: a emergência de um campo científico. *Perspectiva (UFSC)*, v. 30, p. 499-520, 2012.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. **Educação Ambiental**: pesquisa de desafios. Porto Alegre: Artmed, 2008.